

PARA UMA FILOSOFIA *DESDE* O BRASIL: ROMPER AS “AMARRAS” EPISTÊMICAS EUROCENTRADAS E REINVENTAR DIALOGICAMENTE *NOSSA* FILOSOFIA

Towards a philosophy since Brazil: break the eurocentred epistemical “ties” and dialogically reinventing our philosophy

Diego Miranda **ARAGÃO**
Mestre em educação e ensino
Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Brasil
rua.diego@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-8302-9658> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

Pensar a possibilidade de uma Filosofia Brasileira ou construída *desde* o Brasil pode se mostrar uma tarefa complexa, capaz de levantar questionamentos acerca não só da própria definição do que seja filosófico, como também problematizar os limites da Filosofia. A relevância de investigar tal possibilidade reside no necessário desvestir-se colonial que vigora na prática filosófica universitária e no apontar novos caminhos filosóficos radicados no lugar e no tempo do filósofo. A metodologia da investigação realizada é a de revisão bibliográfica assentada nos estudos decoloniais desenvolvidos pelo autor. Pelas problematizações realizadas, notou-se a necessidade de construção de uma Filosofia *desde* o Brasil, desatrelada de nacionalismos e de identidades filosóficas vinculadas ao legado moderno eurocentrado. A interlocução com a Literatura, bem como com outras Artes, pode possibilitar o vislumbre de caminhos que expandem os limites do exercício filosófico e, assim permitem um pensar de outra forma e situado espaciotemporal nas problemáticas dos “de baixo”.

Palavras-chave: Possibilidades. Filosofia *desde*. Brasilidades.

ABSTRACT

Thinking about the possibility of a Brazilian Philosophy or being elaborated since a Brazilian perspective may prove to be a complex task, capable of raising questions about not only the very definition of what is philosophical, but also problematizing the limits of Philosophy. The relevance of investigating this possibility lies in the need to undress the colonial that prevails in academic custom or tradition rooted in the philosopher’s place and time. The methodology of the research carried out is theoretical-bibliographic based on decolonial studies developed by the autor. Through the problematizations carried out, it was noted the need to build a Philosophy from Brazil, uncoupled from nacionalisms and philosophical identities linked to the eurocentred legacy. Interlocution with Literature, as well as with other Arts, can allow for a glimpse of paths that expand the limits of the philosophical exercise and, thus allow for thinking differently and situated temporally and spatially in the problems of the “below”.

Keywords: Possibilities. Philosophy since. Brazilianities.

1 INTRODUÇÃO

Pensar sobre a postulação ou a existência de uma Filosofia Brasileira, por si só, já envolve alguns pré-questionamentos. O primeiro seria que deve haver uma Filosofia *Brasileira* diferente de outras filosofias (Alemã, Inglesa, Norte-Americana dentre outras). O segundo seria o pensar sobre a própria possibilidade de tal distinção entre filosofias.

Sendo assim, antes de se discorrer sobre possíveis caminhos que um pensamento genuinamente brasileiro possa vir a trilhar, é necessário entendermos a possibilidade da construção de um pensamento filosófico com identidade nacional. Seria este um constructo teórico escrito por autores brasileiros ou um que tematize questões brasileiras? No primeiro caso, poder-se-ia problematizar temas universais ou apenas questões típicas de nosso território? No segundo, bastaria a reflexão de nossos problemas típicos para se ter um pensamento verdadeiramente brasileiro?

Advogamos a tese de que quaisquer que sejam as opções escolhidas para se pensar a possibilidade de construção dessa filosofia, a delimitação do que seja nacional é imprescindível como ponto de partida. Como estamos no campo filosófico, poderíamos perguntar: seria possível uma “Razão Tupiniquim”¹? Seria esta um novo tipo de racionalidade, uma invenção novidadeira e revolucionária? Pensamos que não se trata disso, “mas de propor um projeto, um certo tipo de pretensão certamente quixotesca e evidentemente absurda: pensar o que se é, como se é” (GOMES, 1994, p. 8).

Trata-se, assim, de um projeto de revelação de nós mesmos. Seguimos a repetir acriticamente o pensamento de autores europeus e a tentar a inserir as ideias destes em nossa realidade e “o fato de fazer exegese e comentário de obras estrangeiras torna-nos eruditos na cultura externa, mas nem por isso filósofos brasileiros” (MARQUES, 2021, p. 137). Tal projeto seria capaz, inclusive, de pensar para além da categoria “nação”, conceito herdado da modernidade eurocentrada.

Alguém poderia objetar que o uso de categorias de autores estrangeiros em cotejo com problemas do cenário brasileiro já significaria não só uma reinvenção do pensamento desses autores, como também uma apropriação original dessas mesmas ideias. Ora, pensar dessa forma significaria ter assente que a transmutação de ideias de determinado lugar e tempo constitui apenas uma questão de adaptação entre a teoria e a realidade. Tal postura foi exatamente a adotada pelo pensamento ocidental centrado em si mesmo cuja

¹ Utilizando de empréstimo tal expressão do livro *Crítica da Razão Tupiniquim*, do filósofo brasileiro Roberto Gomes.

‘egopolítica do conhecimento’ da filosofia ocidental sempre privilegiou o mito de um ‘Ego’ não situado. O lugar epistêmico étnico-racial/sexual/de gênero e o sujeito enunciativo encontram-se, sempre, desvinculados. Ao quebrar a ligação entre o sujeito da enunciação e o lugar epistêmico étnico-racial/sexual/de gênero, a filosofia e as ciências ocidentais conseguem gerar um mito sobre o conhecimento universal Verdadeiro que encobre, isto é, que oculta não só aquele que fala como também o lugar epistêmico geopolítico e corpo-político das estruturas de poder/conhecimento colonial, a partir do qual o sujeito se enuncia (SOUSA SANTOS, 2009, pp. 286-287).

O fragmento acima alerta-nos para inter-relações que envolvem, precipuamente, política, corpo e conhecimento. A primeira categoria como controladora e dominadora da segunda e a última como forma de enunciar e estruturar essa forma de dominação. Essa tríplice relação será um ponto nodal para o empreendimento do colonialismo sobre povos que fomos dominados por parte da Europa.

Sendo assim, reproduzir as ideias da inespacialidade e da atemporalidade do conhecimento significa manter as estruturas epistêmicas da dominação que recaíram sobre os povos colonizados. Para um projeto que se pretenda descentrado da colonialidade, deve-se abdicar desses postulados. Afinal, boa parte do que foi produzido dentro do marco categorial e geopolítico europeu é referencial de verdade (política, jurídica e ontológica), o que está fora é fruto de efabulações e de invenções míticas. “Os mensageiros do progresso e da civilização destruíram aquilo que não haviam criado e ridicularizaram o que não entendiam. Seria tacanho presumir que são agora os únicos detentores para a solução da sobrevivência” (FEYERABEND, 1991, p. 38).

Por isso, a utilização do marco categorial moderno para a construção de uma Filosofia Brasileira redundaria em caminhar na direção de sermos o que não somos. Devemos “pensar categorialmente”, isto é, realizar uma espécie de assimilação criadora e reinventiva de categorias típicas da Modernidade que se coadunam com os processos históricos de formação do nosso povo reivindicados desde um ponto de vista tipicamente nosso. Realizar isso representa caminhar a partir de fronteiras conceituais que não se prendam a delimitações rígidas e estáticas, mas “pensar a partir de conceitos dicotômicos ao invés de organizar o mundo em dicotomias” (MIGNOLO, 2004, p. 126). Assim se torna possível pensar onde se vive com perspectivas não limitantes às contingências locais, mas atentar para as conexões extraespaciais que atravessam questões ditas “locais”. Tudo sendo feito desde um ponto de vista do território onde o pensador está.

Desde um ponto de vista defendido por um projeto filosófico brasileiro, universalismos abstratos e essencialismos vazios são negados. Afirmar o oposto, a

existência de culturas pensadoras e pensadas é hierarquizar conhecimentos e experiências de vida distintas e pô-las em velhos esquemas de dominação. Se não se pode utilizar apenas o marco categorial europeu como recursos para a construção de tal projeto, qual utilizar? Temos conceitos produzidos à brasileira?² Pensamos que sim. Afirmar a inexistência destes ou incipiência dos mesmos é desconhecer a realidade do país e esquecer nossa incrível capacidade criadora e inventiva.

Mas há outra questão de fundo que expõe um aparente paradoxo: se reproduzimos o pensamento estrangeiro, como afirmar que temos pensamento próprio? Devemos nos perguntar em que momento temos algo que possa ser chamado de filosófico. Sobre isso, Gomes nos auxilia:

Sempre que uma Razão se expressa, inventa Filosofia. O que chamamos de Filosofia grega nada mais é do que o *strep-tease* cultural que a Razão grega realizou de si mesma. É deste ato - mais simples do que gostaríamos de supor os pensadores tupiniquins -, no qual uma Razão se descobre em sua originalidade e conhece seus mais íntimos projetos, que emerge a possibilidade de Filosofia (1994, p. 18) (grifo no original).

Nesse sentido, a originalidade do pensamento grego, por exemplo, advém da capacidade de articulação das ideias dos filósofos com a realidade em que viviam. Isto é, de que forma o pensamento pensava o real e propiciava respostas para este. Ao contrário do que se poderia pensar, a “profundidade” das formulações socráticas e aristotélicas não se encontrava nos próprios conceitos desenvolvidos e apresentados por esses autores, mas no próprio exercício de se pensar o que se vive e poder-se responder ao vivido com respostas à altura dos problemas levantados. Somado, é claro, a um grande potencial filosófico desses mesmos nomes que encontrou vazão e desenvolvimento em condições culturais propícias.

Por isso, defendemos um trajeto filosófico pautado pelos problemas que os brasileiros e brasileiras enfrentam na cotidianidade. São esses mesmos problemas que forjam nossas identidades. Afinal há muitos países dentro do nosso território. Essa diversidade cultural, longe de dificultar a elevação do projeto brasileiro, ela catapulta os

² Pensamos que a afirmação de produções (artísticas, filosóficas, científicas, dentre outras esferas) brasileiras, por si só, já revelaria um quadro imagético, conceitual e político capaz de apresentar aquilo que expressaria o que somos. Tamanha capacidade dessa exposição que se pode, inclusive, abdicar de uma conceituação precisa do que seja “brasileiro” ou “nacional”. As produções literárias de Guimarães Rosa ou de Clarice Lispector, as composições de Belchior dentre outros exemplos, expõem um território multifacetado e cheio de nuances que ultrapassam delimitações conceituais.

potenciais criativos e inovadores para a construção de um quadro filosófico amplo e multifacetado.

Nesse sentido, o trabalho realizado neste artigo vai partir da reflexão de possibilidades de filosofia(s) brasileira(s) e/ou desde o Brasil como formas de expressão de um pensar desde o nosso território. Logo em seguida, será exposto o método analético³ do pensar como canal importante pelo qual escorrerá o projeto filosófico apresentado aqui. Por fim, lançar-se-á a hipótese de diálogo com as artes como meio de ultrapassar os limites acadêmicos que encerram e delimitam as vias pelas quais os potenciais criativos da Filosofia podem caminhar.

2 FILOSOFIA BRASILEIRA OU FILOSOFIA DESDE O BRASIL?

Antes de delinear os quais as características e a forma que pensamos ser desejável para uma filosofia brasileira, pensamos ser importante já delimitarmos quais as intencionalidades que mobilizarão a elevação de um projeto filosófico assim reivindicado. Quer dizer, consideramos relevante responder alguma(s) das seguintes perguntas: o que queremos quando pensamos em uma filosofia brasileira? Qual a finalidade de tal “modelo” filosófico?

2.1 Por um pensamento que dê forma e sentido a nossa vida

Vou fazer cem anos, e já vi mudar tudo, até a posição dos astros no Universo, mas ainda não vi mudar nada neste país – dizia. Aqui se fazem novas constituições, novas leis, novas guerras cada três meses, mas continuamos na Colônia (MARQUEZ, 2018, p. 332).

A epígrafe que abre este capítulo remete a um imaginário de um personagem literário presente na citada obra do escritor colombiano Gabriel García Marquez que expressa, em boa medida, o contexto de dependência e de exploração por que passaram os povos latino-americanos. A percepção histórica de tal indivíduo expressa uma posição que denota a visualização de um estado inalterável das estruturas sociais ao longo do tempo.

Assim sendo, a percepção da passagem do tempo radica-se na detecção mais ou menos lenta ou rápida de alteração das estruturas sociais. Ora, o percurso da história dos

³ Forma de pensar construída, eminentemente por Segalés (2014) e por Dussel (1986), referente a um discurso fundado na face do Outro historicamente subalternizado. Tal método aponta para um horizonte de Exterioridade à Totalidade universalizante da Modernidade. Esse conceito será melhor explicitado em seção própria.

povos é melhor percebido quanto mais os elementos recorrentemente presentes na cotidianidade tornam-se referenciais para as grandes ações relatadas nos livros oficiais de História. Sobre isso, fala-nos Heller:

A vida cotidiana não está “fora” da história, mas no “centro” do acontecer histórico: é a verdadeira “essência” da substância social. [...] As grandes ações não cotidianas que são contadas nos livros de história partem da vida cotidiana e a ela retornam. Toda grande façanha histórica concreta torna-se particular e histórica precisamente graças ao seu posterior efeito na cotidianidade. O que assimila o pensar a cotidianidade de sua época assimila também, com isso, o passado da humanidade, embora tal assimilação possa não ser consciente, mas apenas “em-si” (2016, pp 38-39).

Conforme nos fala o fragmento acima, assimilar o pensar a cotidianidade implica a assimilação do passado e, diríamos mais, a anunciação do futuro. Foi exatamente esse um dos mecanismos dominadores utilizado pela europeidade⁴ para a subjugação dos povos que fomos colonizados. O domínio da História ou a determinação do que seja histórico pôs de um lado a narrativa da invasão europeia como triunfo da razão e do progresso, e do outro lado a imagem de subculturas, de seres sem-alma incapazes de produzir e fazer História.

Se se pretende construir um pensamento pautado pelos problemas que nos afetam historicamente, é necessário entendermos que o cotidiano constrói fatos históricos. O cotidiano é História quando se concebe um olhar diante dos feitos humanos desde o ponto de vista dos subalternizados historicamente, desde os de “baixo”, desde o “Sul”.

Essa mesma rede é quem nos expõe e nos define. A possibilidade de entender os mecanismos de construção dela e aquilo que está inserido nela a fortalecê-la permitirá filtrar os elementos que entram nela para, assim, nos desfazermos das vestes coloniais, uma vez que “o mais importante não é o que *dizemos* ser valioso em nossas vidas, mas que valorizações nosso modo de vida e nossas preferências denunciam” (SOMBRA, 2017, p. 199).

Uma Filosofia Brasileira ou Latino-Americana, moldada por esses pressupostos, seria responsável “por dar forma e consistência a este tempo e apresentar uma revisão crítica das questões de sua época, aí tendo *origem*. O pensamento é superior não a

⁴ Termo utilizado por Dussel referente a um corpo de ideias forjadas no seio da Modernidade Europeia para designar a gênese local de invenções teóricas e disposições geopolíticas. Quer dizer, não se trata de defender o universalismo das principais categorias modernas, mas de apontar a temporalidade e espacialidade da criação de tal marco categorial. Além disso, aponta-se um “ethos” social que identifica certa região do globo, especialmente as grandes potências colonizadoras (Espanha, Portugal, Holanda etc.)

despeito de ser situado, mas justamente por situar-se” (GOMES, 1994, p. 21). Assim o fazendo esse tipo de pensamento seria capaz de formular uma identidade coletiva⁵ diferente da imaginada e transplantada pelos processos de colonização.

Portanto um pensamento preocupado com o cotidiano das relações humanas destacaria estas como fonte de conceitos vitais para a existência. A vida humana como produtora de sentido para a própria vida. Esse é o ponto. Produzir uma Filosofia para a vida. Afinal a lógica ocidentocêntrica é marcada por um tipo de pensamento que “suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo.” (KRENAK, 2019, pp. 22-23). Essa pretensão de homogeneidade que nega presentes (dos dominados) e os transforma em passados, conjurando um futuro imaginário é necrológica e incapaz de pensar o cotidiano, pois transformou este em algo irrelevante e transmutou o genocídio (ético, estético, epistêmico) em “conquista” do projeto moderno.

A pergunta que avulta nesse momento versa sobre a possibilidade de um pensamento original e autônomo ser capaz de reinventar nossa história, pautá-la na atenção de nossos reais problemas (vividos cotidianamente) e romper os limites impostos pela própria concepção eurocentrada do que seja filosófico. Uma filosofia é capaz de “pensar o chão que se pisa”?

Para tanto, a proposta de uma Filosofia Brasileira deve reivindicar a originalidade do pensamento. Ser original não significa ser novidadeiro ou inovador. Original é aquilo que vai às origens. Se se pretende um projeto libertador e decolonial, por exemplo, tal originalidade deve partir das origens da dominação de nossos corpos (erótica), de nossas mentes (pedagógica) e de nossa história (política). Para partir da problematização dessas dominações diversas, é necessário repensar a postura europeia de transmutar tempos e realocar sujeitos na história.

Nosso projeto filosófico deve conceber o passado, o presente e o futuro como temporalidades em vias abertas de construção. Assim o fazendo, possibilita-se uma importante ferramenta para a construção de nosso ponto de vista acerca da História: nossa posição. Sobre isso nos fala Gomes:

⁵ Uma identidade que não esteja atrelada ao conceito de Estado-Nação. Isto é, o ser brasileiro ou argentino não devido a uma condição juridicamente imposta ligada à ideia de nacionalidade, mas a uma configuração política que desloque essas imposições para uma identidade capaz de deslocar essas mesmas imposições e de pensar movimentos categoriais fronteiriços semeadores de consciências situadas no tempo e no espaço territorial onde se vive como defende Mignolo (2008).

[...] precisamos atinar que o passado, o presente e o futuro não são coisas dadas, mas *criadas* - primeira condição de pensamento original. O passado, na aparência, é dado do ponto de vista em que nos encontramos. Mas ele mesmo é uma questão em aberto: foi feito e poderá ser recriado em inúmeros sentidos se encarado como memória. Só na medida em que assumirmos a essencial temporalidade e contingência inerente ao processo de criação de um espírito brasileiro, assumindo ao mesmo tempo nossas contradições e alienações, tomaremos posse de uma das condições do pensar brasileiro: nossa posição (1994, p. 37).

Por isso, afirmamos ser parte da tarefa de uma Filosofia Brasileira a reescrita da história ou, como afirmado acima, enxergar as temporalidades diversas como permanentes construções. Ver o passado como dado, já consumado, implica reproduzir os esquemas de dominação que imperaram e perduraram ao longo da nossa história.

Tal tarefa, por sua vez, constitui um projeto gigantesco que não seria possível sem a interlocução com outras áreas do saber humano (sejam disciplinares ou não⁶), pois a concepção de formatação do conhecimento moderna é disciplinar no sentido de encerrar em campos específicos e delimitados diferentes formas de conhecimento. Tal formatação não só limita a compreensão dos sujeitos acerca da realidade, como também nega outras formas de compreensão não-disciplinares, transformando estes em “saberes” cuja denominação expressa o despojo de força enunciativa de verdade⁷. Em suma, o velho esquema epistêmico eurocentrado de dividir para negar e inferiorizar aquilo que é diverso de si mesmo.

Para nossa leitura, outras áreas do saber humano avançaram muito mais na reivindicação de uma construção de um projeto genuinamente brasileiro. Uma delas é o campo das artes, especialmente a Literatura. Não por acaso, alguns dos escritos da chamada Escola de Recife, que nos legou alguns pensadores que pautaram questões nacionais, (Lima Barreto, Silvio Romero dentre outros) foi responsável por avançar dentro do campo dos estudos sociais e filosóficos para além das arcadas da antiga Faculdade de Recife.

Além da interlocução com outras áreas, tal projeto deve se desatrelar da categoria Estado-nação no sentido de afirmar as diferentes possibilidades de construções filosóficas

⁶ A interlocução com as não disciplinares significa o diálogo com conhecimentos que foram forjados fora do âmbito acadêmico e que não se permitem encerrar nas delimitações desse mesmo campo. Um exemplo importante são os processos pedagógico-formativos surgidos da participação em movimentos sociais organizados.

⁷ Por certo, a valorização de diferentes fontes epistêmicas e lugares de enunciação de verdade não deve chegar às raias de um extremismo que possibilite validar questões problemáticas, tais como o negacionismo climático e como as “fake news”.

no, do Brasil e por brasileiros (que estão no nosso território ou não). Isto é, o vislumbre do que seja um projeto nosso passa pela ultrapassagem da identidade atrelada aos critérios de nacionalidade⁸. Talvez nem mesmo poderíamos pensar em uma Filosofia Brasileira como uma identidade nacional por que já estaríamos entranhados pelos crivos da europeidade, mas indicar possibilidades de construção reflexivas *desde* o Brasil, uma vez que, apontaríamos para “o local de nascimento e aquilo que fazemos com ele, todas as experiências decorrentes de certa organização do mundo, mesmo que essa organização nos leve a sair para sempre do nosso país de nascimento, assumir outra nacionalidade e nunca mais regressar” (CABRERA, 2014, p. 29).

O campo literário conseguiu tal feito, pois foi capaz de aproximar aquilo que era escrito nas obras literárias ou de crítica literária à realidade do país. Quando a filosofia produzida em nossas terras fizer o mesmo, poderemos falar na possibilidade de um projeto filosófico brasileiro. Quando a nossa filosofia será, dessa forma, a consciência de um povo, pois expressa nas diferentes formas de dizer o Brasil. Isso nos alertará para o fato de que “não precisamos saber alemão, francês ou inglês para elaborar um pensamento autônomo e para fazer filosofia. Os gregos iniciaram a filosofia na língua deles e não na de outros” (SOUSA AQUINO, p. 172, 2020).

2.2 Pensar analeticamente para assumir nossa posição

Pelo dito até aqui, observa-se ser a tarefa de construção da nossa filosofia algo gigantesco e desafiador que exige, inicialmente, a percepção do grau de colonização epistêmica por que passamos como povos subalternizados historicamente. Por essa percepção, por sua vez, nota-se a necessidade de reconstrução de temporalidades e espacialidades desde o nosso ponto de vista. Dessa forma, ao realocar sujeitos e espaços, possibilita-se centrarmos o protagonismo da construção histórica nos nossos próprios feitos, não nos legados pelas formas de dominação europeia.

Tudo isso sendo feito, a hipótese de construir um pensamento genuíno e descentrado da europeidade, torna-se possível e necessário. Mas, ao chegar a essa hipótese, nota-se estar a Filosofia produzida entre nós tão imersa na dominação epistêmica quanto quaisquer outras áreas do saber e da vida coletiva brasileira.

⁸ Do contrário, excluiríamos de um projeto como esse, por exemplo, as relevantes produções do checo, naturalizado brasileiro, Vilém Flusser cuja produção, não raro, ultrapassa as formas exigidas pelos cânones acadêmicos vigentes. Em termos de reflexão latinoamericana, também excluiríamos do elenco o filósofo argentino, de descendência alemã, Rodolfo Kush.

Assim sendo, um diálogo possível se encontra com a Literatura. Realizar uma Filosofia da Literatura para entender melhor os caminhos trilhados pelos literatos que apresentaram e representaram o nosso espaço tão facilmente identificável. Tal proposta objetivaria construir a trilha filosófica capaz de aproximar-se o máximo possível do realizado pelo campo literário. Por certo, esse tipo de aproximação não deve anular um campo no outro, ou seja, não se pretende fagocitar a Literatura na Filosofia nem o contrário, muito menos instrumentalizar a primeira para a construção da segunda.

A metodologia dessa aproximação deve ser realizada por critérios fundados em temáticas pautadas pela vida concreta dos “de baixo”. A ideia de analética pode ser uma via frutífera para a opção escolhida, pois radicada nesses mesmos critérios. Sobre tal método, fala-nos o filósofo boliviano Segalés:

[...] la analética, o ana-dia-lética, no es otra dialéctica más, sino que es la dialéctica desfondada desde la palabra del Otro como revelación, la cual no viene desde arriba o desde el cielo, sino desde lo que la totalidad ha negado siempre. En este preciso sentido, no es un razonar consigo mismo, o entre los mismos, sino que es un diálogo entre un sujeto que proviene de lo mismo, y el Otro que proviene de más allá de mí mundo, pero no sólo en sentido culturalista, sino de profunda relación de dominación. En este preciso sentido, el Otro no es otro *alter ego*, sino quien ha sido negado en su humanidad por la totalidad occidental y cuyo reconocimiento implica el cuestionamiento del carácter colonizador de la Totalidad en su conjunto⁹ (2014, p. 24).

A analética ou ana-dia-lética, pois, pode ser um sustentáculo importante de nossa proposta filosófica. Como outra dialética porque fundada no Outro (a mulher, o negro, o indígena, o trabalhador, o pobre), tal forma de filosofar contrapõe-se à dialética hegeliana que absolutiza a subjetividade moderna de forma a negar outras subjetividades. Se podemos afirmar uma igualdade entre Modernidade e europeidade, podemos afirmar que “a filosofia moderna é hegeliana. Hegel é a própria expressão da filosofia eurocêntrica hegemônica” com o “método dialético desenvolvido e mesmo vivido pelo autor, que conduz a uma totalidade necessária à mundialização do sistema” (PANSARELLI, 2015, p. 72). Mundialização essa, por sinal, que será responsável pelos processos de esquecimento-

⁹ [...] a analética, ou ana-dia-lética, não é outra dialética, senão que é a dialética fundada desde a palavra do Outro como revelação, a qual não vem desde cima ou desde o céu, senão desde o que a totalidade negou sempre. Nesse exato sentido, não é um racionar consigo mesmo, ou entre os mesmos, senão que é um diálogo entre um sujeito que provém do mesmo, e o Outro que provém de mais além do meu mundo, mas não só no sentido culturalista, senão de profunda relação de dominação. Nesse exato sentido, o Outro não é outro *alter ego*, senão quem tem sido negado em sua humanidade pela totalidade ocidental e cujo reconhecimento implica o questionamento do caráter colonizador da Totalidade em seu conjunto.

negação do modo de vida dos povos dominados.

A

analética, por outro lado, intenta preocupar-se, dialeticamente, com o Outro e a partir do Outro. A outridade é vista como exterioridade radical, mas sem fagocitar ou negar o Eu. O outro é completamente outro a prescindir da negação do Eu. Em suma, o filósofo guiado pela analética é discípulo do pensar que revela o Outro (não como um igual nem distinto, mas semelhante). É na semelhança que a trilha analética pode realizar o encontro de nós mesmos. Dessa forma, não nos reduplicamos e nos absolutizamos ao pensar o outro como realidade existente.

Contrariamente à

analética, a europeidade é um discurso da mesmidade que fala a partir de si e pretende-se universal, “é a dimensão privilegiada do Ocidente greco-romano (e sua possibilidade de universalização) – como intenção de retirar a *alteridade* da Natureza que, estranha e prévia, surpreende e marca a identidade imediata que é o *mesmo* do Eu humano” (LÉVINAS, 1997, p. 287).

Analética ou ana-dialética é assim denominada por ser um pensar dialético a partir da negação (-ana), da exclusão, da subalternidade. Constitui um olhar da outridade “desde si” em busca da libertação de processos seculares de domínio. A posição assim assumida pela analética parte do face-a-face com o Outro sem negá-lo ou classificá-lo em categorias subalternizantes. Ao contrário, pensar analeticamente é ver a legitimidade da verdade em cada face que se nos apresenta para além de discursos totalizantes para, assim, ver melhor ao ver-se com o Outro. E este é o esquecido-negado pelos processos coloniais: somos nós mesmos. É a nossa posição, nossa perspectiva de leitura histórica que está em jogo, assumi-la é fundá-la analeticamente.

Somada à postura de uma Filosofia

da Alteridade a ser assumida, analeticamente, por nossa filosofia, a relevância do nosso projeto reside na preocupação do método com a construção de uma proposta filosófica convergente com uma “universalidade analógica”. Esta, por sua vez, contrapuser-se-ia ao universalismo genérico, abstrato e totalizante da modernidade e reivindicaria distintas vozes de diferentes lugares como fontes de verdade. Sobre isso, fala-nos Dussel:

Chamamos “universalidade analógica” o “todo” da humanidade futura unificada na diversidade de suas partes constituintes, onde cada uma sem perder sua personalidade cultural, possa participar sem entraves de uma comunicação sem as fronteiras de nacionalismos fechados. Não é a univocidade de uma humanidade *dominada por um só império*, mas uma só pátria mundial na liberdade solidária das partes. Por isso, não há filosofia universal (abstrata, unívoca, nem concreta). Não há “filosofia pela filosofia”. Há filosofias, a de cada filósofo autêntico, a de cada povo que tenha alcançado o pensar reflexivo. As

filosofias não são, porém, incomunicáveis, mas comunicadas analiticamente: a palavra de cada filosofia é analética (1986, p. 212).

Portanto, conforme lição do fragmento acima, afirmamos não se tratar de uma relação antitética a pôr de um lado um culturalismo filosófico e de outro uma “Filosofia Universal”. Em verdade, o pensar analético assume o compromisso, dentre outros, de reivindicar filosofias diversas capazes de comunicação entre si sem o julgo da dominação¹⁰. Daí tal metodologia também poder ser vista num quadro mais amplo de um pensamento latino-americano, o que catapultaria as possibilidades de conexão com a Literatura, dada a representatividade construída pelos escritores de *Nuestra América*. Afinal é inegável a qualidade e a beleza dos escritos de um Llosa, de uma Mistral ou de um Neruda cujos escritos possibilitaram ultrapassarmos a nós mesmos enquanto seres locais, mas também universais. Ora, é exatamente esse potencial de nos tornarmos universais, sem sermos unívocos ou supostos detentores da universalidade de que necessita um pensar original e autônomo. Uma universalidade analógica, como dito, fundada em nós mesmos e capaz de construir diálogos e interrelações com a vida concreta.

3 PARA CONSTRUÇÕES DE VEREDAS ENTRE FILOSOFIA E LITERATURA

Uma das principais dificuldades de aproximação e de compreensão do público comum, não afeto a discussões ditas filosóficas, reside no fato de que as produções acadêmicas nessa área, não raro, reproduzem um tom ensimesmante e voltado a falar apenas entre “os pares”. Por certo, tal característica não é exclusividade do campo filosófico. Em verdade, a estrutura-estruturante universitária é funcional à lógica sistêmica que regula e às disposições de defesa e crítica ao próprio pensamento acerca do estado de coisas vigente.

Nesse sentido, a Filosofia, enquanto curso de graduação e esfera inserta no campo universitário, encontra-se encerrada nos limites colocados pela própria Universidade. Limites esses, por sinal, resultados de injunções sistêmicas reguladoras da vida dentro e

¹⁰ Além disso, o pensar analético não se confunde com o projeto filosófico chamado de Pós-Moderno. A analética, inserida em um horizonte de uma Filosofia da Libertação, na esteira da formulação do argentino Enrique Dussel, não é Moderna nem Pós-moderna. Em verdade, intenta ultrapassar atravessando os marcos categoriais típicos dessas “tradições” sem com eles se confundir.

fora desses espaços. Um pensamento conectado com a vida humana¹¹, pois, já daria um passo à frente da estrutura em que está inserida. Passo esse, diga-se, difícil de ser realizado apenas pelos esforços acadêmicos das práticas filosóficas universitárias¹², já que estão encerrados nas “amarras” universitárias e insertos no pensamento filosófico eurocentrado desenvolvido academicamente. Daí a necessidade, já mencionada, da interlocução com outras áreas especialmente com o campo das Artes¹³.

Essa conexão com o campo artístico, especificamente o literário, pode representar uma maneira *nossa* de se pensar uma produção filosófica. Afinal, lembrar daquilo que de mais criativo e de conectado com a vida brasileira apresentado por nós mesmos é ressaltar a necessidade de uma proposta desatrelada das dominações epistêmicas europeias. Somado a isso, a produção literária ainda apresenta um forte potencial criador dada a liberdade imaginativa dos literatos, de tal forma que o interesse por realizar reflexões acerca de algum fenômeno pode ser ultrapassado por determinada criação literária. Afinal o campo artístico caminha por várias (des)intencionalidades e o olhar que recaia sobre as obras dele pode ou não ser reflexivo.

Para nossa leitura, é exatamente essas possibilidades em aberto trazidas seja pela produção artística, seja pelo olhar dos apreciadores que catapultam o potencial reflexivo desse campo. Quer dizer, por não estar adstrito a um interesse estritamente filosófico, pode-se realizar reflexões tão ou mais profundas que as filosóficas. Vejamos um exemplo dessas possibilidades apresentado por Marques:

O jagunço-filósofo de Guimarães Rosa é um pensador original pelo *tour de force* linguístico e retórico na travessia do sertão, mas, certamente, desprovido de interesse conceitual à moda dos filósofos. Riobaldo afirma que *seu cavalo filosofou*, malgrado a onomatopeia, nem o cavalo nem o próprio Guimarães Rosa estariam filosofando na travessia do sertão. O interesse estético-literário, certamente, sobrepõe-se a qualquer outro, não obstante o emprego de linguagem e conceitos ditos filosóficos, mas com outra finalidade (2021, p. 139) (grifo no original).

¹¹ E conectado com a vida não-humana também! Pensando com Krenak (2019), o Antropoceno é um tipo de pensamento criado pelos invasores europeus e transmutado para nossas terras na forma de genocídio, de catequização, bem como de domínio e de devastação da natureza. Pensar a vida, nas diferentes formas dela, é também descolonizarmos nosso pensamento acerca do próprio sentido e da abrangência do conceito vida.

¹² Utilizamos a expressão práticas filosóficas universitárias não só para remetermos apenas aqueles que produzem Filosofia nas Universidades, como também para afirmar que há tantos outros filósofos fora desse espaço e/ou, mesmo dentro dele, inseridos em outros departamentos (Educação, Direito, Artes dentre outros)

¹³ Essa mesma aproximação também pode nos levar a problematizar e reinventar a categoria nacional. Afirmar a ideia de uma Literatura ou Filosofia Brasileiras que tematize questões capazes de ultrapassar a classificação imposta pela ideia de Estado-Nação. Dessa forma, nacional poderia ser tudo o que se refere às problemáticas inerentes ao ser e ao fazer no nosso território, isto é, realizado por brasileiros ou não. Ultrapassa-se, logo, a ligação com a ideia de nascimento, típica da proposta moderna.

O fragmento acima nos provoca para atentarmos sobre as possibilidades que podem ser extraídas quando do olhar “desinteressado” sobre uma obra literária. Muito se pode encontrar quando não se procura algo com uma intencionalidade específica. Ao achar, é possível encontrarmos não só o que nem sabíamos que procurávamos, como também possibilidades outras que fortalecem aquilo que foi encontrado. O personagem Riobaldo, como João Grilo, do “Auto da Compadecida” apresentam-nos questões filosóficas, pois permitem olhares capazes do encontro daquilo que não se procura, encontro com uma grande potência criadora.

Ora, é exatamente essa potência criativa que caracteriza uma filosofia, já que “a filosofia é uma disciplina tão criativa, tão inventiva quanto qualquer outra disciplina, e ela consiste em criar ou inventar conceitos” (DELEUZE, 1999, p. 3). Parece-nos estar essa potência esquecida pelo ambiente universitário, responsável pela produção crescente de artigos, de ensaios, de dissertações e de teses. Produtos esses, não raro, a reproduzir ideias de autores estrangeiros e/ou reflexões totalmente desconectadas com a vida comum dos brasileiros.

Essa “civilização do papel” acima apresentada encontra-se em estertores. Não podemos afirmar a certeza da extinção dela, mas, certamente, o edifício que a sustenta está sendo solapado pela premente necessidade de conexão entre o campo teórico e a vida comum. Se a filosofia, para nossa abordagem, é um ato de criação, de invenção e de formação de conceitos, e essa característica encontra-se tolhida pelas limitações da lógica sistêmica, o encontro revivificador com a Literatura torna-se uma via a ser adotada. Afinal pode a Literatura realizar suspensões de juízos que possibilitem criar zonas limítrofes e subcamadas de leitura da realidade capazes de ver o invisível, de ouvir o inaudível. Essas possibilidades encontram-se esquecidas pela tônica produtivista exigida pelo ambiente acadêmico, mencionada a pouco. São essas fronteiras que se tornam visíveis pelo trabalho literário que nos recordam que

[...] um conceito tem sempre componentes que podem impedir a aparição de um outro conceito, ou, ao contrário, que só podem aparecer ao preço do esvanecimento de outros conceitos. Entretanto, nunca um conceito vale por aquilo que ele impede: ele só vale por sua posição incomparável e sua criação própria (DELEUZE, 1991, p. 43).

Quando um personagem de “Grande Sertão: veredas” fala “nonada”, há uma reinvenção linguística. Estaria ele dizendo “não é nada? Misturando o inglês “no” com o português “nada”? Ou seria uma interjeição sinônima da palavra ninharia, sem necessariamente

remeter a essas construções? Não se sabe, e por não se saber, se inventa uma palavra nova tão ou mais significativa que alguma porventura já existente com semântica similar. É esse caminhar entre fronteiras que deve pautar uma Filosofia Brasileira, isto é, ela deve ser e não-ser filosófica, ser e não-ser literária. Em verdade, não deve preocupar-se em se classificar como Filosofia, mas apenas se ater aos desígnios de um pensamento conectado com a vida.

Por causa desse caminhar entre fronteiras, a nossa filosofia é muito mais que uma proposta epistemológica, volta-se para uma gnosiologia dialógica que vai ao encontro de outros aprendizados e com eles aprende, sem anulá-los ou hierarquizá-los. Pensar apenas com a categoria epistemologia, significa “uma conceitualização e reflexão sobre o conhecimento articulado em harmonia com a coesão das línguas nacionais e a formação do estado-nação” (MIGNOLO, 2004, p. 34). Ora, assim o fazendo, cai-se na cilada colonial novamente. A Filosofia Brasileira, ao contrário, deve apresentar uma gnose liminar, pois “constrói-se *em diálogo com a epistemologia a partir de* saberes que foram subalternizados nos processos imperiais coloniais” (MIGNOLO, 2004, p. 34).

Por isso, a proposta de uma Filosofia da Literatura não deve subsumir a segunda na primeira, muito menos abdicar da construção teórica de autores que intentam formular desde dentro da Filosofia caminhos subversos e inovadores para propostas dialogicamente ricas. Tudo isso sendo feito sem perder o horizonte de construção autônomo de nosso pensar descentrado da colonialidade.

4 CONSTRUIR PORTAIS COM A LITERATURA: A FILOSOFIA COMO VEÍCULO CÓSMICO

Tendo dito tudo isso, pensamos ser o momento de dar ênfase ao lugar a ser ocupado pela Literatura na proposição de uma Filosofia Brasileira. Dentro dos círculos acadêmicos filosóficos, tal área quase sempre é bem vista como expressão artística criadora e capaz de apresentar diferentes cenas da vida humana com uma desenvoltura, aparentemente, inalcançável pela Filosofia. Quase todos leem literatos costumeiramente e/ou os conhecem minimamente.

No entanto, boa parte dos filósofos acadêmicos têm uma dificuldade em enxergar na produção literária uma fonte epistêmica fundante. Parece-nos que eles não “levam a sério” a Literatura Brasileira, a enxergam apenas como forma de satisfação intelectual pela fruição de um bem cultural específico. Quando a veem como campo de reflexão, quase nunca a colocam no mesmo

lugar ocupado pelo campo filosófico. Por trás dessas escolhas, há, dentre outros, dois sentimentos: 1. O campo literário não é algo seriamente filosófico; 2. A Filosofia só se deve ocupar por temas sérios.

Ora, ao estipular o crivo da seriedade, como quaisquer marcadores de distinção, tais acadêmicos relegam os conteúdos filosóficos a uma dualidade (sério/não-sério) cujo princípio fundador dela é bastante confuso. O que seria um assunto sério? E por que a Filosofia só se ocuparia de temas sérios? Pensamos que essas posturas diante de supostos conteúdos são impeditivos de uma real identidade filosófica, uma vez que é exatamente com a produção filosófica que “o espírito humano tem buscado sua auto-revelação. Porém, autocomplacente e conformista, sujeito *sério*, o brasileiro ainda não produziu Filosofia” (GOMES, 1994, p. 7).

Esse sujeito filosófico “sério” só “leva a sério” aquilo que é produzido nos centros universitários europeus e norte-americanos. Parece que se não citarmos um número x de autores desses lugares a respeito de determinado tema, este não foi aprofundado. A questão da Literatura como fonte filosófica é ainda mais complicada de ser desenvolvida pelo fato de a filosofia ser atravessada pela colonialidade epistêmica que, dentre outros efeitos, classifica conhecimentos em menores e maiores, relevantes e irrelevantes. Sobre isso, nos fala Mignolo:

[...] O problema é que as regras restritivas que operam nas culturas acadêmicas baseiam-se na crença de que a literatura é ótima, mas não constitui conhecimento sério. E isso é consequência tanto da diferença imperial (ciência versus literatura) como da diferença colonial (literatura versus folclore) (2004, p. 304).

Portanto, conforme lição do fragmento acima, a incipiência - talvez até aversão - de enxergar a produção literária como fonte de reflexões (com ares próprios e em patamares iguais aos da filosófica) é marcada pela nossa herança colonial. Uma marca que reproduzimos responsável por hierarquizar Ciência, Arte e Filosofia, colocando a primeira como fonte de verdades seguras, a segunda como fruição estética e a última como meramente especulativa. Por certo não se afasta o caráter seguro e objetivo das enunciações científicas, mas as põem em um patamar distinto e superior às demais áreas é deveras problemático.

Somado a isso, ao se elencar um lugar e um conteúdo para Filosofia, está-se a esvaziar o potencial criativo que lhe é inerente. Quer dizer, faz-se tudo, menos Filosofia. Esta não ocupa lugar específico algum, não apresenta conteúdo determinado. Exatamente essa fluidez e a apropriação dela que a torna tão potente e perigosa na tematização de

questões diversas de nossa temporalidade. Mas não é por essas ausências de delimitações que devemos desprivilegiá-la. Ao contrário, é exatamente por esse potencial de transitar entre lugares e funções que se encontra uma riqueza e fertilidade criadora de tal campo. Não há limites ou um código que estabeleça limites para o exercício filosófico. Pensar diferentemente é imaginar que se pode “trair” a filosofia ou caminhar por temas que supostamente não seriam filosóficos.

Talvez se pudessemos fixar um critério identificador para o exercício filosófico, poderíamos citar o potencial de mobilizar pensamentos, pô-los em movimento e, assim, caminhar entre o visível e o invisível, entre o audível e o inaudível e formular expressões (escritas, vistas, ouvidas, sentidas) capazes de formular leituras sobre a realidade¹⁴. Tal potencial, por sua vez, a aproximaria, ainda mais, do campo artístico com o acréscimo de um instrumental teórico fundado na realidade concreta da vida dos subalternizados historicamente.

Quando se coloca a tarefa reflexiva para o filósofo, esquece-se de tantas outras utilidades e inutilidades que só um saber desinteressado poderia germinar. Pôr uma teleologia para a atividade filosófica é esvaziar o sentido dela. “A filosofia não é feita para refletir sobre qualquer coisa. Ao tratar a filosofia como uma capacidade de “refletir-sobre”, parece que lhe damos muito, mas na verdade lhe retiramos tudo. Isso porque ninguém precisa da filosofia para refletir” (DELEUZE, 1999, p. 2).

Por isso, a proposição de uma Filosofia Brasileira tem a necessidade inescusável de aprender com a produção literária, pois esta constitui um saber desinteressado. Exatamente por essa qualidade da obra artística que lhe permite ultrapassar qualquer sentido ou finalidade. Um romance literário, por exemplo, *pode* ser um portal “cósmico-gráfico” que possibilita reinventar realidades e criar conceitos, bem como não o fazê-lo, mas as possibilidades estão lá. Tal portal aberto conecta o ato filosófico com os caminhos mencionados a pouco, ser o veículo de conexão entre mundos e expressar essas conexões com uma linguagem própria, inteligível ou ininteligível ao humano. Nonada.

Uma das proposições brasileiras mais criativas do século XX foi a Semana de Arte Moderna de 1922. Os artistas que lá se apresentaram tentaram, em alguma medida,

¹⁴ Apresentamos essa possível delimitação da Filosofia com esses ares de vastidão conceitual, de hibridismo e de fronteiras, pois defendemos ser o ato filosófico ultrapassador de qualquer delimitação logocêntrica e limitada a recursos lógico-argumentativos. Por esses caracteres, tal ato pode ser inteligível ou não pela linguagem humana, pois a atravessa não se limitando a esta. Filosofia é um sentir a vida (nas múltiplas formas desta) e poder significá-la em diversas expressões (humanas e não-humanas) inteligíveis ou não ao humano, mas abrangidas a um universo cósmico que tece essa vida e as formas de expressões dela.

reivindicar algo genuinamente nacional. Não totalmente desatrelado das vestes europeias, mas capaz de ruminar a “estranja” e criar algo diferente a partir de “um abandono de princípios e de técnicas consequentes, foi uma revolta contra o que era a Inteligência nacional” (ANDRADE, 1942, p. 25).

O movimento modernista trouxe uma provocação importante: a de que já vivemos uma realidade nossa. Isso pode ser entendido pelo fato de que aquilo que vivemos já é uma apropriação nossa do que nos foi legado pela europeidade. As formas de resistência dos nativos e as diversas expressões afro-brasileiras presentes em nossa cultura já são remodelações da ferida colonial. O que se precisa agora é “reverificar nosso instrumento de trabalho para que nós expussemos com identidade.” (ANDRADE, 1942, p. 51)

Outra expressão artística que nos revelou o nosso potencial de criação descentrado da colonialidade foi a música. Exemplos emblemáticos são as produções do Movimento Manguê Beat cuja expressão mais conhecida corporificou nas músicas da banda Nação Zumbi. A proposta de apresentar a “mistura colonial” a partir de ingredientes escolhidos por nós cujo resultado não remeta a problemáticas estrangeiras é extremamente original.

Podemos afirmar, logo, que, acrescido às possibilidades literárias, tanto o Movimento Modernista quanto o Manguê Beat fornecem indícios de fertilidade da produção artística para pensar as especificidades brasileiras e convocam possibilidades necessárias para germinar uma Filosofia Brasileira. É bem isso, não estabelecer pontos de contato rígidos, mas manter aberta a tessitura de conexões com as Artes, pois ela nos possibilita ultrapassarmos a nós mesmos e, assim, transitar por um veículo cósmico que pode ser expresso em Filosofia, em Literatura, em Música dentre outras linguagens¹⁵.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a possibilidade de uma Filosofia “nossa” constitui uma tarefa com muitos e imensos desafios. Tal projeto já constitui, por si só, uma espécie de metafilosofia, ou seja, a tarefa de pensar o próprio conceito de Filosofia e as determinações que circundam tal delimitação.

¹⁵ Ao realizar essas tessituras não esquecer de uma tônica: não se apegar a uma identidade específica. A disciplinaridade e a profissionalização das áreas do conhecimento, embora relevantes para a localização e produção de conhecimentos nas Universidades e fora delas, deve sempre ser forçada por implosões que a remodelem à medida que se conectem com a vida comum das pessoas. Por certo, com o cuidado de não reproduzir os negacionismos correntes ou com teorias novidadeiras.

Há também a necessidade de pensar questões que atravessam a caracterização do termo “brasileira”. Tal atenção, por sinal, deve ser vista com bastante cuidado para não reproduzir esquemas conceituais da modernidade eurocentrada. Afinal o “brasileiro” é um “nacional” ou ultrapassa este? Ou é necessário o uso de outro termo para designar aquilo que se produz em nosso território? Daí a necessidade um “pensar categorial”, como dito no início do artigo, que assimile criticamente a Modernidade sem com ela se confundir. Ao contrário, atravessá-la de forma ultrapassadora.

Por causa desses questionamentos prévios, optamos por apresentar alguns caracteres de uma filosofia desde o Brasil, não uma filosofia brasileira. Ao fazê-lo, elegemos a Literatura, sem esquecer do potencial de outras Artes, como expressão de leitura da realidade e formulação de expressões sobre esta, dadas as limitações de encerrarmos tal proposta dentro apenas do campo da prática filosófica universitária. Todas essas linguagens, por certo, teriam a tarefa de apresentar as especificidades de nossas problemáticas sociais e históricas.

Além disso, esperamos ter exposto de forma compreensível o método analético de filosofia como instrumento necessário para assumir nossa posição filosófica. A filosofia desde “os de baixo” deve pensar outramente e fraturar e fissurar todos os esquemas conceituais da realidade que sustentam as obviedades que escondem a invisibilidade da violência colonial.

Por fim, a força que pode ser lançada na proposta desta filosofia quando conectada com a Literatura e outras criações artísticas como forma de conectar o humano a algo que ultrapassa ele. A consciência da integração deste com o todo de uma realidade que atravessa as possíveis leituras humanas e a ultrapassa possibilita a construção de um pensar filosófico desinteressado, em constante movimento e sem limites. Esses caracteres podem ser raízes para o crescimento de um pensar desde o nosso território. Em suma, um pensar tão situado temporal-espacialmente que constrói portais cósmicos de compreensão e expandem as possibilidades do exercício filosófico.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **O movimento modernista**. Rio de Janeiro: Edição da Casa do Estudante do Brasil, 1942.

CABRERA, Julio. **Europeu não significa universal. Brasileiro não significa nacional**. Rev.Brasileira de Humanidades, nº2, nov. 2014/jan e fev. 2015.

- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1991.
DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. **O ato de criação.** 1999.
- FEYERABEND, Paul. **Adeus à razão.** Lisboa: Edições 70, 1991.
- DUSSEL, Enrique Domingos. **Método para uma filosofia da libertação.** São Paulo: Loyola, 1986.
- GOMES, Roberto. **Crítica à razão tupiniquim.** São Paulo: FTD, 1994.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história.** São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MARQUES, Lúcio Álvaro. **Formas do pensar: aportes metodológicos à filosofia brasileira.** Rev.Argumentos, ano 13, n.25, jan./jul/2021
- MARQUEZ, Gabriel García. **O amor nos tempos do cólera.** Rio de Janeiro, RJ: Record, 2018.
- MENESES, Maria Paula/SANTOS, Boaventura de Sousa – org. **Epistemologias do Sul.** Coimbra: Edições Almedina, 2009.
- MIGNOLO, Walter D. **Histórias Locais/projetos globais – colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar.** Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2004.
- PANSARELLI, Daniel. **Filosofia Latinoamericana: a partir de Enrique Dussel.** Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2015.
- SEGALÉS, Juan J. Bautista. **¿Qué significa pensar desde América Latina? Hacia una racionalidad transmoderna e postoccidental.** Madrid: Ediciones Akal, 2014.
- SOMBRA, Laurênio Leite. **O ocidente como problema filosófico.** Ver.Ideação, nº35, jan./jun. 2017.
- SOUSA AQUINO, John Karley. **Narciscismo às avessas e a nossa filosofia brasileira.** RevModernos &Contemporâneos, v.4, n.8, jan./jun., 2020 pp. 164-179.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

PARA UMA FILOSOFIA DESDE O BRASIL: ROMPER AS “AMARRAS” EPISTÊMICAS EUROCENTRADAS E REINVENTAR DIALOGICAMENTE NOSSA FILOSOFIA

Diego Miranda Aragão

Mestre em educação e ensino

Universidade Estadual do Ceará (UECE), Departamento de Educação, Fortaleza, Brasil

Rua.diego@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-8302-9658>

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional \(CC BY\)](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

HISTÓRICO

Recebido em: 03 de junho de 2021.

Aprovado em: 06 de outubro de 2021.